

Renato Tapado

NAHUEL

Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio.

Este livro é uma pergunta.

Clarice Lispector, *A hora da estrela*

O puma (nahuel na língua dos mapuches, da Patagônia) é um felino pardo, com olhos intrigantes. Tem músculos fortes, pelo exercício diário da sobrevivência, e é um exímio caçador. Sua estratégia é a da surpresa, da armadilha, do cerco enigmático da presa. O puma vive numa realidade seca e à míngua, na busca de um caminho à carne. Mas não perde o passo de tigre, numa elegância incisiva.

Há quem tenha sido morto por um puma por ter roubado seus filhotes. O puma preza pela herança.

Seu pêlo é sedoso como pêssigo. É possível acariciá-lo, mas não tenho notícias desse encontro. Vagueando pela noite escura da Patagônia, em meio ao frio e ao vento, o puma pode atravessar a estrada, mas não me consta que tenha atacado alguém.

Seu silêncio é uma das garantias de vida: o rugido do puma previne. Eu queria ter escutado esse som inarticulado, gutural, como se fosse um jorro de água nascendo no meio do deserto. Mas o silêncio do felino é um tesouro. Como sua fome.

A fome do puma é o que lhe move, suas garras fincadas nas patas prontas para o salto. Vi animais mortos na estrada, vi carcaças de bois atiradas à terra. Mas jamais encontrei um puma esquelético, vencido pela sede ou pela ausência de carne. A sina do puma é sua caçada eterna. Mas há momentos puros: o pôr-do-sol nos imensos territórios ondulados do pampa patagônico é capaz de detê-lo junto a uma pedra. Ele vislumbra a cor do fogo em seu olhar castanho-esverdeado. E a chama é um elemento raro, avesso à imobilidade do solo e à dureza da pedra. Não sabe que é um fogo fugaz, mas para sempre. Não sabe que atrás daquele céu da cor do sangue não há nada, e é uma fogueira falsa. Mas o puma é amigo da labareda.

Quando morde a carne, se esquece da vida. Seus dentes trabalham a matéria, e sua língua não pára na busca de um sabor. É o momento da distensão dos músculos e das esperas. É quando se atira à digestão meditativa da espécie. O puma sonha. E o que come se transforma em energia para o dia seguinte. O guanaco, em sua docilidade, é sua vítima. Também a lebre, que sofre a mordida fatal que dói como faca. E as ovelhas em sua atitude cristã de entrega ao sacrifício na estupidez do pasto: o puma não perdoa.

Mas, no meio do nada, o felino também se distrai: roça o focinho na pétala minúscula de uma mínima flor do deserto, vermelha ou amarela, e pára. Ali o puma desperdiça tempo e músculos, e parece estar pensando sobre o céu imenso: “Como pesa!”. Às vezes, não há nada que sacie fome ou sede, apenas areia e pastos ocre, o ruído do vento e a secura do ar, o silêncio de um dia sem alimento: a língua à míngua.

Mas a força do felino está na surpresa. Capta o passo acelerado de uma lebre ou o aconchego estático da ovelha para preparar a solução final, que é a vitória do agora, da garra sobre a pele, a fome da fome. O puma, em sua caçada, sua corrida contra o tempo para abocanhar o dia, é solitário: ele se afasta da espécie para delatar sua solidão, que é condição de sua sobrevivência. O puma tem que voltar ao ataque todos os dias. Vigia a imensidão das terras infinitas para gravar aí sua pegada certa. Mas esse trabalho diário não o desespera: o puma não se suicida. E seu rastro, como palavra inscrita na fragilidade da terra, se perde nas areias revoltosas, quando o vento refaz seu redemoinho de pó e nada.

Quando a necessidade não o impele, viaja. Quando o frio o cerca, busca o corpo de outro puma. Assim vai vivendo em círculos, tendo à sua frente toda terra e todo céu que nunca vai acabar de rastrear. E quando seu olhar castanho circula pela paisagem e o que

vê são só espaços desolados, e o silêncio tem o peso de um bloco de pedra desgarrado, o puma grita: e seu rugido já tem a força de uma resposta.

Espero, com a alma na mão, sentindo frio e me preparando para o que vier.

Espero com a consciência intranquã. A noite sem lua é mais clara. Vejo alguma coisa que não percebo, mas me traz quietude. Agora posso caminhar vazio, sem a presença do mundo. Mudo. Tenho a sede dos recém-chegados. Tento criar aquilo que me acontece e não sei mentir. Meu mundo é uma ficção: eu acredito num gesto, num olhar. O futuro é uma farsa. Espero sempre, mas com as mãos vazias.

Abro o caderno e não me decido. Digo: “o horizonte é um túnel.” Eu ultrapasso a estrada e me coloco diante do impossível. Todo o mar não cabe nesta página. Escrevo com sede e me perco não pensando em nada prático. Meus dias tropeçam, nada evolui, a não ser essa mancha, em círculos, que vai pintando o meu tempo, meu tempo sem cor como a areia da praia fria. Essas pegadas também são minhas: sou aquilo que me falta. Despejo na terra o que sobra, as fomes que não pude, só para ter outra fome. Tudo isso só posso ver quando fecho os olhos, na imensidão do que ainda não é, na vasta superfície de um agora elástico, aberto, fugaz. Só posso ver porque sou cego ao que me desvia, me limita. Só posso ver porque, de olhos fechados, imagino a luz: a transparência é branca.

O que eu quero não cabe. O que eu posso dizer é o que me limita. Espero a posse do que não agarro, do que me arranha. Marco uma pegada no fogo, na moldura do instante.

Toco instrumentos de sopro: o fôlego da chama. Amanhã não desperto, me aqueço. Os dias frios estalam. Escrevo como quem come.

3

Na esquina, estou cego às vidraças - e abro os olhos. Cada pessoa vibra inteira e eu imagino fagulhas, lumes. Não perco o tempo: passo as tardes intacto: perco corpo. Abro os poros: meus olhos vislumbram o que ainda não tenho, o vento sul que passeia, a palavra *ainda* fora de lugar. Cada alguém que passa me cativa e não sei por quê: eu não domino. O olhar, meu modo de ser.

Tenho a presença de algo em branco. E como todos os dias não são iguais, me alimento do que tenho a perder, dos meus silêncios. Eu sei que sempre estou partindo para onde, quando. *Sempre* é aqui. Me agarro ao minuto inflado de tantos quases, pegado ao mar. A secas, engulo sílabas. Minhas mãos estão abertas como pássaros. Espero um céu que não existe.

Quando desperto é quando começo a sonhar. As ruas são como delírios às avessas, secos. Caminho sem passos, atônito. Ensaio palavras que escoam. Tudo tem um fim que não quero encontrar. As marcas no chão insinuam um desencontro. Volto a ser o que não era: de frente para o salto:

À beira do caminho, diante do retorno, rumo ao enigma, me distraio de mim. Ouço o eco que não volta, as sílabas perdidas. Toda voz brilha quando ausente. Há uma vida presa na palavra, morta. Quando a sede, onde a sede. Começo o dia disposto ao crepúsculo e ando sobre pedras, mas o caminho é doce: percorro minhas asperezas como quem saboreia o que foi dado, música. Eu sou apenas aquele que contempla os silêncios de mãos vazias.

Solidão, penhasco, telas: tintas que queimam como pedras, foscas, no limiar do raio.
Todas as cores são branco: eu cavo a cor na iminência da areia, no ocultar das sílabas. Para
entrar no mar é preciso ser mudo.

À noite todos os gestos são parcos. Me situo na sombra, à espera do imóvel.
Articulo percursos. Escuto o que ainda não ouvi, com a cara no chão: desfaleço pegadas.
Caminho com asas, rasteiro, no domínio dos pássaros e sua mudez. Tenho tudo pela frente
e caio de costas. No tempo de um desejo, já perdi o que passou, o que só pude vislumbrar
no relance de um raio: toda paisagem me lembra aquilo que não fui.

Tudo que possuo se instala entre parênteses: eu sou aquele que gagueja. A mesma mão que escreve se despede. O mar é para quem saboreia o enigma, e eu tenho a sede das areias quando a estrela, onde a estrela. Eu sou aquele que tropeça na proa e cai na vertical, no assento da sílaba final: tudo que não possuo me persegue.

Dou o primeiro passo e me contendo. Tudo que posso me alucina: eu tenho a fraqueza. Sou lúcido como a transparência, como o vento. Me instalo na vertigem do instante e despedaço esperas. Quando o gesto, onde o gesto. Toda pintura não basta para representar o que não esqueço.

As viagens que fiz me desfizeram. Sou aquele que partiu para outra voz, para outro gesto. Me deparo com o impossível e não alcanço. À beira do trapiche entrevejo luzes em alto-mar e me despeço. Volto para dentro, arranco para o que não coube, delibero o instável: todo marinheiro sonha em perder-se.

Tempo: quando a gaivota voa em círculos na iminência do cardume. Onde o peixe.
E tece a espera com sal e sede. Todas as águas esperam. Diante do mar, esqueço que ainda
não fui, contemplo a inércia: e lanço palavras aos véus.

Eu tento uma palavra e ela cai. Minhas mãos não recolhem a chuva nem sílabas. Tanto tempo disposto para a voz, para o que me instiga, e eu só produzo silêncios. Não se trata de uma impotência, mas de uma impossibilidade: o rio só desce para o mar e leva o que nenhuma rede alcança. Com minhas mãos molhadas, desejo o que ainda não sei, o que já sei e não posso: o que digo não é para se ouvir, mas para se esquecer dentro do corpo como água, como o grito que o pássaro esqueceu de conter.

Como todas as coisas que não se sustentam, meu tempo se foi. Em alguma esquina deserta deixei de calcular minutos e passei a caminhar descalço. Observo as paredes por onde passo e não vejo nenhuma pintura, a não ser aquela que meus olhos vislumbram, cegos, pelas frestas do dia, na iminência da noite. Escuto meus passos como música. Quando paro, escuto mais: tudo o que não disse mas lembro como aquilo que não me aconteceu ainda. Amanhã meu silêncio será pedra. E meu corpo, ao encontrar a pintura que procuro, será perda: como a palavra que falo, é minha, e já desapareceu.

Um dia cinzento me empurra para mim mesmo, cheio de chuvas. Não tenho a proteção dos pássaros contra a água, não sou imune ao frio. Se falo, é porque não sou paisagem. Olho para tudo como uma despedida, mas permaneço aqui. Se viajo, me levo comigo. E caminho em direção ao círculo, à seta quebrada, ao lago ainda desconhecido. Fotografo a montanha e a imagem que tenho é invisível: olho para a foto e nada se revela. Eu sou aquele que, ao falar, se cala. Conjugo silêncios. Quando a chuva, onde a chuva. Quando me deparo comigo mesmo, grito para que alguém escute esse silêncio e me resgate de dentro da minha voz que parte.

Há uma linha diante de mim que não supero, a não ser saltando sobre o horizonte: escapo do tempo é pelo abismo. Cada gesto meu se inscreve em árvores que um dia serão cortadas. Cada olhar meu é uma folha que cai. A secas, olho para o mar. Com os pés na areia, ando em círculos. Escrevo algo no chão e vêm as ondas. De tudo o que me espera, nada mais valioso do que a palavra muda, aquela que não engana. Estou disposto a cavar fundo para que essa folha tenha onde cair viva. Na praia deserta percebo que não estou só: pesco com as gaivotas e volto para casa faminto: sem nostalgia, me alimentando de minha fome.

Quanto mais acompanho o que está ao redor, menos conheço de tudo. O encontro de alguma coisa me obriga à solidão. O exercício do tempo é para o desperdício. Escrevo para vislumbrar meu próprio silêncio. E a cada volta da espiral vou desenhando o gesto de um sentido que não sei, mas que terá a vigência do que desejo. Eu sou para querer, nas horas vagas, o que preenche: a soma de vazios. E quando nada há, tenho a plenitude da espera. Quem cria é porque possui apenas a tensão de estar de mãos vazias. Mas eu olhar me dirige, sem que eu perceba, para esse campo onde, além dos pássaros, eu também posso me desligar do chão.

O desejo de estar lá, além de algo, para que meus olhos se espantem: o desejo de assustar-se com o que verei: dentro da noite com o olhar iluminado por dentro. O desejo de percorrer as ruas contra alguém, ao encontro, na solidão de um abraço. A sede de quem tem pressa para chegar mais rápido ao recomeço. A ânsia de saltar. A tensão do próximo minuto, cravado em mim como pedra preciosa, a cor da ágata. O perigo de, como um felino, espreitar aquilo que eu já sei por detrás das falas: o silêncio de quem tem tudo a dizer.

Moro num lugar oblíquo, sem tetos: moro aquém. O que percorro não basta para construir um caminho. Acumulo passos perdidos. Não espero o ônibus, travo contato com o que não veio. Para além do horizonte o que vejo são sombras. Olho para o mar como quem lança fagulhas. Meus olhos não são livres: eu tenho a memória sobrecarregada de imagens. O que busco é a insipidez do branco, o silêncio dos barcos vazios. Desaprender. Eu tenho o cansaço de quem é pessoa, e não paro.

Quando desenho uma pedra, ela se desfaz. Recolho o pó mas não reconstruo nada com ele. Quando o grão, onde o vácuo. Dizer “a pedra” é ser duro. Desdigo a pedra para ser sombra do que não sei, não sou. Vislumbro, diante do mar, que as rochas são líquidas. Com minha sede me engasgo. Tudo que sei resvala sobre os musgos. Não tenho “algo”, como algas. Sem nada, diante da linha do horizonte, me verticalizo, oblíquo. Não falo porque não posso. Minha palavra não atrai nem diz, como as areias desta praia branca.

Vejo o dia em preto e branco, granulado, na tessitura do acaso. Vejo o que não vejo: dentro dos cinzas, dos brancos, do que ainda não tem cor na íris. Meu dia é pálido. Tenho todo o tempo a perder, tenho o que não possuo. Minha perda se define é à meia-luz. O que escrevo também é sem cor, com o papel granulado pelo gesto afoito das nuvens, na urgência da chuva. O que escrevo é sombra da sombra na lua por detrás dos bambus inclinados, uma hora sem minutos. No escuro é onde enxergo melhor: onde a palavra não se desenha, apenas se evola. E estas páginas têm a forma do gato saltando.

Tenho todos os instantes à cata de si mesmos: eu perco por esperar. Minha dívida é com o silêncio e seus uivos. De onde vem esse presságio de horas mortas? Tudo está aberto para a passagem, tudo se fecha no salto para o abismo de si. As ondas do mar repetem sempre o irrepetível: eu escuto as luas: como a noite, quando. Assim tempero a travessia rumo à vaga, ao que está na curva da estrada antes da curva, no paralém da rota. Todos os caminhos se bifurcam. Eu sou aquele que enlouquece o norte.

O que digo é para mim. Não há palavra capaz de voar. Tenho o silêncio de quem esqueceu de convencer. Caminho como se houvesse pedras, paro e volto ao ponto final. Quando olho para longe me despeço de mim, mas não me calo. Eu tenho a precisão do risco, o exercício da palavra que cai e volta à tona. O mar é para quem viaja sozinho. Meus olhos se iluminam é de noite, quando a gaivota sonha e o ar tem o peso do tempo. Meus olhos têm a pureza do não e o peso de tantas cidades. Mas o que meu corpo carrega é sua leveza de folhas.

O mar não cabe em meu olhar. Esqueço como se vê o mundo, esbarro na cegueira das ruas e resvalo: todos caem. Tudo que é azul me dá medo. Insisto no branco e sua textura erógena. Sei que as noites são para a insônia, para o desperdício. Tenho o sabor da lua na língua. Me agarro ao instante para não cair no tempo e desespero. Onde o mar. Quando é a palavra? Pesco todos os dias na areia: eu sou aquele que engole espinhos.

Me desstituo. Nos ondas. Retrocedo ao que ainda não é, mas nem será. Tenho as dúvidas como pedras. Lembro da eternidade, acumulo saberes, dissabores. O que persigo é vazio. Espero o tempo pesar como um pássaro, encharcado diante da noite. Quando tropeço, encontro caminhos. Estudo a tessitura do segundo e me espanto. Só o que é singular me dá fome, como folhas. Desmancho o papel em água, sem solução: a sede é praia eterna.

Como o olhar do lobo em meio à neve. Como o faro do lobo diante do iminente, da temperatura da pele contra o branco, dos pêlos eriçados pelo vento. O que o lobo não vê: as astúcias. O que está no limiar da fome. A neve que cobre tudo, as folhas ausentes, a carne fugaz. Como olhos pretos dentro da noite lenta, na gramatura da espera, como águias. E as fontes secas pelas geleiras intactas. O lobo é aquele que investiga os abismos. Diante do ocaso, à beira de um passo arriscado para aquilo que não é: o salto.

À meia-sombra, na distância de uma onda, sobre o trilho das horas. Tenciono e não alcanço. Uso signos de nada para repor o vazio que não criei mas que me compõe como essas fibras, essa tinta: eu sou aquele que esqueceu de nascer. Paro de pensar, continuo. Na esquina do tempo que não dobra, no limiar do dia que não começa. A noite é para o enigma, e não me distraio: conto as horas para esquecê-las. Depois, na extensão do escuro, traço desenhos de pássaros como algo que me escapa: à meia-luz.

Tenho todo o tempo do mudo: vasta pedra antes da curva, depois do minuto exposto à intempérie. E engulo palavras famintas. Quando articulo, tropeço. Olho para as coisas como se fosse a última vez, e recomeço. Vejo com as mãos. Desapareço e volto ao local onde não sou, não viajo, no tempo equívoco da espera. Eu sou aquele que caminha na chuva com a palavra erguida, na queda horizontal, com a vela na mão no meio do vazio. O fogo é minha entrada no mundo. Quando anoitece, recolho cinzas.

Minha desinência é equívoca. Possuo os rastros de algo que não domino nem pressinto. Na estrada, como à beira do mar, descanso dos percalços. A noite úmida, o sal irreparável. Busco nas areias a gramatura do instante e me desvio. Espero com o papel nas mãos a força do vento e suas tintas. O que sei não está escrito: tenho a sede de quem elabora a falta. E deposito o que perdi nas linhas: os brancos. Quando é a escritura.

Chove na imensidão da tarde. E tudo pára na verticalidade do instante, na umidade do que sumiu. O que vejo é névoa: cinzas que se depositam no tempo como folhas. As árvores e sua quietude intrigante. As águas na curva do minuto, na volta do presságio, correndo para onde. Sim é o que não digo. No meio da chuva investigo o acaso e suas figuras. A cor do céu igual à do mar. Qual a cor.

Tempo para trapacear a espera. Tempo para fugir rumo ao que escapa, resvala.
Tempo comprimido no instante de acusá-lo e sentir seu peso como um oceano. Os barcos e o equilíbrio da gaivota na proa. As ondas quando param. O cheiro inapreensível das conchas. Tempo disposto em círculos nas horas que me agarram. Quando é. No topo da paciência sem lugar, exasperada, gráfica. Nas curvas que percorro e aonde não chego.
Tempo eterno, meu: onde a palavra cava com a dureza da água.

Percebo quando meus olhos alcançam o limiar da espera. Percorro meu olhar e me delato: as posses invisíveis. Sou cego para a vida. O que entrevejo, nas frestas das horas, é o que não há, disposto ao léu, à refração da palavra não escrita. O poeta é aquele que rabisca o impossível. Onde o traço: asas sem alento, pátina na pedra, página que voa: no imperceptível. Percebo quando minhas mãos alcançam o branco da espera.

Palavra é abismar-se diante do mundo. Os quases. Tudo por um fui. Atrás de mim, na esteira do espanto, vêm as sílabas, e cada dia é um exercício de um trem ao contrário, do delírio. Travo é o que me desdobra em rios que me atravesso. Na margem do que penso, às avessas, a língua à míngua. Diante do tempo, martelo. E o mar para que eu me abandone, intacto, sem sair do lugar: eu sou aquele que desaba para cima. E circulo em lâminas, em prosa vertical, na gravidade do branco. Onde a lua.

Me vejo nos olhos do lobo. Toda fome na neve, como pegadas. E me escondo. A neblina se define é por sua opacidade. E dela vislumbro uivos. Na velocidade de um instante, na grafia gelada pelo caminho, investigo as sombras, os pêlos. E como o cru, o único. Eu sou aquele que sente frio diante do inenarrável. Cego de tanta neve, me oriento pela noite, nos rastros esquecidos dos lobos, na iminência da matéria ardendo, na dúvida. E me despeço.

Diário de outono: escuto o ruído das folhas que caem e me calo: na densidade do instante, na eternidade ínfima do acaso: meus passos estatelam na chuva como lágrimas. Estudo a imprecisão do vento e me recolho: é quando os pássaros fecham os olhos e não sei mais dos dias, das passagens, do desejo. Dou um passo e esbarro em mim, na gramatura de uma voz calada, na mudez da noite. Espero o inesperado e me exaspero. Falho como a fagulha da fala e me demito. Amanhã busco essa perda, esse horizonte curvo que se espraia, o frio avassalando tudo. Indago o espelho e sobre: de sobretudo, vazio por dentro, com a temperatura de um açoite: todas as folhas a folha. Mas de dentro da noite veloz uma voz de pássaro pára e me cativa: imóvel, na tessitura de um adeus às avessas, escuto cantos: e sonho com a música das árvores, como se eu dependesse desse vôo, dessa melodia implacável dos gatos e dos peixes, desse presente esquecido pela maré: só sou na inconsistência da pedra, só no caule inalcançável, na dureza da terra, na raiz: como um cogumelo, me fixo em mim e saboreio o pó do póstumo.

O outono é para quem se aprende.

Caço animais desaparecidos. Exerço a pontaria sem tiros: nos alvos. O que me aparece, então, reverbera num campo sem fim: no limiar da passagem. Mordo a sensação da carne. Quem é o sabor: eu sei. Mas minha língua falha na acidez e no tato. Tudo é cinema. Tudo pára na imagem do espelho escuro, na caixa-preta sem informação nenhuma. Tudo foge. E quando me deparo com um puma real, de pêlos eriçados como sílabas, me espanto diante do improvável. Como se fosse uma pegada apenas no meio do deserto. O mar é para quem imagina.

As coisas não precisam de mim. É como se eu passeasse atônito por areias úmidas pela primeira vez. As águas em que me banho são inocentes. Procuo alguém que apague minha lamparina. Estou com vertigem do espaço à frente, abaixo. Descompreendo o que me dizem dentro da linguagem. O poeta é um índio sem aura. Que se nega a atuar. Que se. Dentro do erro irreparável. As coisas me olham de dentro de si. Eu sou apenas aquele que exaspera a pergunta.

O vento açoita nas paredes invisíveis. Eu sinto algo por detrás do ar que vem de dentro do enigma. Caminho por pedras. Tropeço no ar enclausurado no instante, e busco água corrente. O solo é para quem procura. À noite o ruído da água foge, como os pássaros. Tenho meus limites diante do tempo. O grito me imprime uma premência. O que é urgente me aproxima. Na trama dos segundos, na instância carnal do que desejo, vislumbro a construção do agora, de imagens que desconheço: eu sou apenas aquele que se espanta com o sensível.

Tudo pelo meio. No encalço do quem vem de atropelo, a contrafome. Quando a mudez resvala na passagem do tempo, as mãos ardendo. E o corpo tropeçando em si como quem parte, no prelúdio da saliva. Então o tapete se exaspera, tudo cai como corpos vivos caem, na diagonal da sede. Nas ruínas do minuto engasgado. Mas a noite se fecha e suas cores mudam, a pele escura e as estrelas claras e úmidas como poros, as línguas víboras. O que me atrai circula entre quatro paredes, dentro da espera no fim, nas frestas do instante em chamas. Quando a água.

Começo a trabalhar quando não tenho mais tempo e o corpo se acende no cansaço do que ainda não veio, veloz como nuvens em fuga. Começo a me perder nas horas vivas, em tensão sobre a pele, quando me afogo de mim mesmo no que transborda: eu sou aquele que engole o devaneio. E falo líquidos na densidade do que escapa e morde, entre um silêncio e outros. A carne me delimita. Mordo a insensatez do gesto, saboreio o invisível. E não paro. Até que algo deslize para o abismo, até que o instante comprimido salte para o outro lado da fala, lá onde me espera o desconcerto.

Tento desconstruir uma sílaba e me deparo com o muro: o que salto são cinzas, restos de um presente que não houve. Tento o risco de um passo e me estatelo no minuto: as armadilhas da voz e da mudez. O que pressinto não se integra no infinito. As aves existem para o espanto da carência. Descrever o vôo é jogar palavras dentro, caídas no oco do desejo. Venho para postergar o sentido: até o horizonte improvável, essa linha oblíqua diante do instante. Até o impossível, na topografia vazia do desnível, no caminho turbulento de um barco: onde a palavra.

Com a mão embaixo, afastado de todo frio, na hora trêmula. Com o afago liso do instante, na pele úmida que exala uma pergunta, aquela. Quando algo se agarra com a ansiedade de um lobo, quando a mão se concentra no que pulsa. O tempo é para se gastar no embate. Com as mãos tensas pelo vício, procuro um objeto. Dentro do dia impune, na passagem da fome. Então, o corpo erguido pelo gesto se transborda, no limite do grito, quando a voz se delimita. E quando como o branco da sílaba e mastigo o inacessível, me deparo com a mudez dos dedos. O poeta é aquele que detona a fala.

Moro dentro de um campo desvirtual. Esqueço quando depus pela primeira vez as palavras e resvalo na página. Da minha janela vejo o que se insinua em meio à realidade. Duvido de tudo. Espio pelas falhas da fala e não aceito. Bebo um gole e decapito os segundos. O poema se faz é atravessando a língua. Como isso que não vislumbro diante do agora, como essa mancha voraz na iminência da fome, como a pegada do puma. No deserto, meu copo é vazio, mas tenho música. Eu sou apenas aquele que engole o intragável.

Os dias estalam de frios. A casca de tudo trinca no intervalo de um passo. O tempo só segue para os crentes. Nas noites imóveis, nas ruas desprovidas de sabor, engulo sílabas. E passo a fome adiante como uma página em chamas. O trabalho aprisiona. Então, teço redes oblíquas que se desatam, despescam diante do insondável. Eu me percebo é na solidão do lápis. No que arrasta signos de nada por areias úmidas. E encontro a trégua de uma iluminura mínima na letra fugaz como uma estrela. O poeta é aquele que planta o desatino.

Procuro um fantasma. Teço a espera na intempérie. Ando à noite como quem tem a insônia eterna. Pedras, mariposas, luzes. O que investigo é a solidão das corujas e seu olhar perplexo. Tudo que vislumbro se esvaece. A lua não basta para imaginar alguém: com a vela na mão, só encontro pegadas antigas, só caminho descalço na curvatura incisiva do cascalho e seu intervalo de folhas. O branco é o que realça a madrugada. Quando o passo. Mordo minha língua, e o que sobra dói. E a palavra sai partida como uma miragem. Procuro um oásis e me entretenho com os véus do deserto: o poeta é quem imagina a sombra.

Quero jogar conversa dentro. No labirinto da palavra gaga, tropeçando em si. Dentro do poço do impossível. Quando se abre a passagem para o não, para o enigma. Quero jogar a palavra n'água sem âncora, com o peso do sentido. Me afogo é no deserto. Como pétalas da cor do inalcançável. Minha fome é para o desperdício. Sempre que a escassez se desenha na folha, na margem. O espanto é para quem ruma. Dentro da fome veloz. Eu sou aquele que mordeu o insano.

O que comunico é um intervalo da fala. No desvão da mudez, no núcleo da
brancura. Minha página treme com a inscrição no corpo, a fissura na carne, o
incomensurável. E encontra eco nas paredes imensas. Cada palavra que lanço é um
bumerangue. Torço para que o sentido de engane. E recebo a solidão da flecha perdida. A
tua voz é uma ausência, uma pétala fugaz. É quando a sílaba palpita, violeta, no olhar
perplexo. Esqueço onde nasci, exploro o nunca. Carrego a perda nas costas e pesquiso o
indefinível. No final, só a poeira me delata no vazio do instante: a poesia é pálida.

Rabisco na pele. Perco a precisão do minuto na gramatura do toque, no indício da febre. Escapo à dureza do corpo pela língua. Sinto o gosto das dúvidas. E sou engajado na aridez do nada, no depósito vazio de tanta imagem, tanta fala. Gozo é no silêncio das coxas. Quando algo se entreabre para o vício. Então me disperso na passagem, na falta de balizas, no limite: o poeta é aquele que penetra e não encontra. Todas as margens a margem. A tremura na ponta da língua como víbora, no tato ereto da penugem, na fome que tremula: os resquícios.

Viajo pelo acostamento. Me deito quando a velocidade opera, avanço no invisível. Escolho as bifurcações alteradas, as rotas equívocas. Sou no exercício da perda. E na cidade intercalo espaços inúteis. Trafego pelo limite da carne, a contragosto, meio a esmo. Dou voltas sobre a palavra e nunca chego. O poeta é cego. E se distrai de si imaginando vozes no espelho. Grito e não percebo. Esboço folhas de papel e tudo é pó. Encaro a falta numa pausa e me acelero. Corro, paro, circulo sobre um ponto imaginado. Eu sou aquele que esqueceu de acontecer.

Ganho tempo. Acumulo sem saber o que fazer com tanto instante. Esqueço a função das horas e sua duração. Leio a tessitura do silêncio e não dou um passo. Circulo pelo que não vejo e esbarro no ar. Todas as manhãs sem sonho. Todas as paredes e seu espanto diante do inviável. Sou pelo avesso. Me entrego ao que não abraça e se despede. Ao que martela o mármore, ao que arde. E tenho a pele sob descontrolado. Dentro do minuto irremediável. O poeta é aquele que tem a obsessão espiral. E se lança sem seguro à instalação do instante próximo do muro, do caminho desfeito. Onde o tempo.

Estou. Como se eu tivesse sido, alguém, do âmago de um ponto: sou na simetria do acaso. Enrolo texturas de alguém diante da câmara escura: eu busco a sombra. E ando, lícido como uma pedra, às voltas com o se. Na dúvida diária, no caminho aberto para onde, nos degraus para baixo. Me espanto é quando alguém elabora. E fala pelos espelhos fantasmas. Toda palavra decai contra si mesma. Toda palavra resvala na iminência impávida. E desloca o silêncio para trás, lá onde me perco em círculos, lá onde minha voz retorna como a maré, muda, no entreinstante de um grito. O poeta é aquele que enlouquece a sílaba.

Durmo com a mão no impuro. Dentro da passagem para o neutro, na esteira do que esqueço. Sonho e dilacero. As imagens são para o ataque. Finjo que não vejo e não distraio. E circulo sonâmbulo, na noite sem cor, tropeçando em pedras. Quais as formas para não caminhar? Me detenho no móvel, na velocidade do inerte. E miro aquela que some na aridez da rua e não acena. O poeta é aquele que se perde de vista. E investe no inócuo, no enredo do silêncio, quando a noite se avoluma: a vastidão do quase.

Só escrevo em areias. Miro no olho do albatroz e me percebo. Tento esquecer o que vejo, tento mares: o que há detrás das ondas, o que há no fundo. Rabisco no chão, mas não quero ensinar nada. A não ser o vazio da linha preenchida de espuma. A não ser. Quando o tempo se define na pedra e no caminho ao acaso do siri: quando a palidez da areia se compacta. Moro no intervalo do grão. E pressinto a imensidão do instante cravado como uma palavra. A letra fere.

Tenho a consistência da árvore. Me estribo no ser do espinho, do caule inabalável. Mas sempre imploro pela chuva no deserto, pela viagem das folhas, pela voz do pássaro. À noite, coleciono estrelas. Amanheço com a insegurança da pétala sem perfume. E roço a folha seca como quem teme um ruído. Minha voz se deglute no instante de falar. Prezo pela urgência. E tropeço com minha própria raiz, sem sair do casulo de árvore. Junto palavras como cocos. E prolifero no nada. Tudo tem um início que me arrego em procurar: e procuro, com a lanterna apagada, alguém que, em sua mudez, exercite o risco. O poeta é aquele que erra.

Temo pelo albatroz. Temo por seu vôo ríspido sobre o horizonte e a intempérie. Quando a pesca escasseia no instante e se deflagra a grande fome. Quando a gramatura da maré se encrespa num presságio e açoita o tempo. Onde a onda, quando. Na noite sem corvos ou acenos, no mar alto da mudez, no limiar da espera: eu sou apenas aquele que escuta o relâmpago. E vislumbra, em meio ao nevoeiro, a palavra neve. Num outono sem fim, numa porta para o vento inteiro, exaspero a dúvida e me desguarneço: estou pronto para o salto.

Tenho inveja do biguá e sua indiferença, seu negro desdém submergindo. O biguá que abre as asas para ninguém. O biguá que se lança, mesmo frio, ao imponderável das águas. Bandos pretos povoando as pedras. O ar desengonçado de quem voa ao acaso. O que caça com a mirada a mancha imóvel. A fome do biguá. E tudo se concentra na dureza do bico, na presa esquiva sob a tona de tudo, no desenlace de um desejo. Ele é apenas aquele que mastiga o invisível.

Tudo termina entre pontos. No descaminho de uma letra, de um passo diante do precipício. Tudo acaba como a chama, na iluminura do instante ávido por existir. Falas são para o efêmero. Me perco entre tantas folhas e desencarno. A palavra é para quem desperdiça. E o fim da fome, o último pedaço de tempo retorcido até o limite, na imensidão do que precisa: desejo é sina. Então recupero minha falta como jóia, deposito na página a palavra pedra, e investigo uma cumplicidade: eu sou aquele que espera, no deserto silencioso, algum rugido faminto.

Há uma pedra. E dentro da pedra está o que eu sei: a solidão do grão cravado na matéria, o vôo em círculos da andorinha. E esqueço a gramatura da terra para alçar o vazio, a palavra dentro da palavra, os dentros do oco. Minha memória se satura de nada, e volto ao pó, à página polida pelo tempo sem fim, sem ninguém. Dentro da pedra.

Recuso o tempo: recuso e me estremeço diante do que é e fere. Fujo dos costumes.
Todas as palavras me perseguem, as imagens. Não quero ser pessoa. Busco o anonimato do
símio, na imensidão do humano, do que existe. Risco a palavra alguém e me instalo no
intervalo. Viver é replicar o instante.

Estudo a densidade do instante. Estremeço diante da dureza dos dias, dos hábitos.
Tudo rui. Eu interpelo a pétala e me distraio dentro do minuto. Calculo e nada confere.
Teço o exílio do que passa e não dispõe, no fluxo do contra: o rio é para quem resiste: no
resvalo da pedra, na solidão do cogumelo. Olho para fora e delibero: tudo desencaixa. A
não ser esse olhar que tece a ausência do incomensurável, a não ser essa visada noturna
diante do que pulsa, líquido, na consistência do corpo: ver é esquecer a razão.

Recupero o que nunca tive. Reato a voz de escombros falsos. Revejo a partitura de um instante trôpego, arfando no deslize de uma voz. Todo passado me empurra para trás. Lembro daquilo que pôde existir. Assim delimito minha fala à mudez do imprevisto, do inarticulado. Semeio fora dos sulcos. Busco o que germina no mármore, branco como a terra. Distraio o andamento do tempo e bailo com a caneta, com o vento. E retorno, ao redor do indizível, à ínfima parcela do acaso, à devoração do que ainda não é, à esteira da espera. O poeta é aquele que atualiza a fome.

Deslizo no atrito com o minuto e me perco: na estrada que percorro a pé, na curva sobre a curva, na passagem: me situo é na encruzilhada vazia, no destempero de uma fome mínima, mas cruel: na imensidão da falta, na textura do acaso, na ponte para além, do outro lado da fala: mergulho no silêncio que vislumbro só, das janelas escancaradas pela sede: eu bebo a minha sina e me escondo: à margem da sílaba, na noite plena de abismos: o que eu sei, ninguém destece: eu sou aquele que elabora o impossível.

Estou atento à insipidez do agora. É como se degustasse um saber já gasto pelo tempo, na dobra do instante. Espero com a boca aberta. Insisto na iminência do nada. E me deparo com a letra vazia em meio a tanta fala. Na prévia do enredo, na textura do quase: o poeta é aquele que distrai o infinito. E preza pelo circuito aberto, com a mão fechada sobre a palavra, na brancura da pele. Sempre a falta.

Eu tenho a noite para ficar cego. O gosto do que se arrisca na errância, na passagem. Tudo que vejo não cabe. Me perco quando me investigo, esboço uma palavra, e ela fere. Então, esqueço que sou e me distraio na ausência: tudo que perdi é uma conquista. A noite é branca como a consistência da sílaba, dentro da voz aguda, na iminência do minuto ancorado em mim: tudo que há é para deixar de ser. E me despeço como quem parte para dentro, para onde a palavra desliza rumo a, na queda para fora, na saída do que não é, na força da mudez cercada de imagens. O poeta é aquele que engasga o inominável.

Tudo o que eu sei me dói. É a farpa do tempo incrustada na pele, na ausência de uma couraça. Me defendo do que já conheço. Leio nos instantes a premura que trago no corpo, na carne da alma. Choro pelos poros. Acrescento à noite a negritude de um grito e pasmo: tudo gira ao contrário, a esmo, num labirinto de espinhos. E o que tenho não passa por um buraco de agulha. Sou o que não vejo. Me despeço do que ainda não sei, sem adeus, diante da palavra pedra. Carrego gelo nas mãos. E antes de chegar a algum lugar, me desvio de mim para aportar no agora. Eu sou apenas aquele que distrai o destino.

Terceto para Raquel Stolf**I**

Trago a cegueira em mim como um modo de ver: calo o que meu corpo, exorbitado, exala, e me despeço da palavra: eu quero esquecer. A falta que me faz o branco, a ausência que preenche minhas horas como sonhos, arrecifes, flechas perdidas da memória. Mas meu corpo exercita o seu desassossego solitário como só os gatos sabem desfazer, no instante comprimido de esperas, na passagem do pêlo rente à pele, no desvio. Sou como não se diz: aquilo que se perdeu em meio a tanta fala, tanta imagem, tateando na parede martelada de manchas brancas. E tenho todo o tempo para esquecer de ser, esquecer de falar, perder a aprendizagem humana e seus rastros escuros: o poeta é aquele que esquece suas pegadas na pedra.

II

Abro as mãos para o branco: tudo o que trazia comigo é invisível como o caminho dos gatos: meu olhar se apóia sobre o instante desprovido de tempo: fujo para um ontem que não há, na imensidão da espera, no minuto escancarado como páginas: só, no gelo arcaico da sílaba, na tessitura esguia do diário, estremeço diante da palavra pedra e paro: tudo que sei é para o esquecimento: o poeta é aquele que elabora o pó.

III

Quero esquecer e não posso. Quero ficar cego frente ao hoje, diante do irreparável, nu na frente da parede branca. Escrevo contra o preto, na gramatura de uma cor que ainda não sei. Perco palavras pelas ruas, tropeço em minha voz, elaboro a falta. Eu e os muros. Meu tempo é meu pêlo se eriçando quando, onde. No minuto infatigável de imagens. Meu tempo é esse passo em falso, acelerado, sem bússola. Todos os ventos o vento. Quero esquecer e me distraio: a não ser quando essa pele se aquece e dilacera o instante, a não ser quando transcrevo meu corpo sem memória, sem horas, na tela oblíqua sem trama: o poeta é aquele que destece o impossível.

Preciso da distância para ser: essa flecha debruçada sobre o acaso, essa vela acesa na aridez da praia. E escrevo como quem tece o fogo no inverno. Não saio nas fotografias. Afeito ao mar, à fome, transito em espumas vazias. Eu e os siris. É então que vislumbro a cor de uma nuvem que parte. Sou quando chove. Onde a noite. Contando estrelas num ofício-fantasma. E me despeço de mim pelo avesso. Tudo que sei cabe numa carta: mas o que vai na ondulação da garrafa é apenas uma ausência, até que o mar se enfureça, até que as gaivotas gritem contra as pedras e só o que se escuta é o estilhaço da palavra opaca contra o vidro vazio.

Vislumbro uma cor que não há. Incorporo o labirinto do branco e não me assusto: a falta é para quem não aceita. Cavo a resistência de uma flor e me coloco no ar: na névoa de um desejo fugaz, no limite de uma espera, no dorso do dorso do puma: minha pele é para dentro. Escuto o coração da árvore e me calo: toda palavra é um escândalo. E falo como quem destece o impossível num campo exasperado de amarelos. O poeta é aquele que arredonda a vida.

Paro em mim. Esqueço o que fazer e me estiro. O tempo todo para nada, as algas à espera da praia. Bebo as águas correntes e me fixo, com a fome do agora. Desperdiço o que sou e me instalo no instante: o ócio é para quem não espera. Me agarro ao que me escapa e resvalo no minuto inflado de sílabas, disposto ao que virá: o branco sem fim da página fechada, as areias congeladas pela noite, o caminho sem vozes. Grito para o alto. Me situo na imobilidade da letra e sua sombra. E danço com as estrelas: eu sou apenas aquele que distrai o inalcançável.

Escrevo dentro d'água. Engolindo ar, engasgando com a poeira da fala. Escrevo na falta, sob pressão, na verticalidade do minuto. É então que a transparência cede, o volume azul expande seu enigma e minha palavra sai inflada. Escrevo a esmo, na secura de um branco estendido sobre nada, no negrume da espera. Quando a tinta. Quando a pele se exaspera de tanto, de tão. Na tessitura do afago, no líquido iminente, no oleoso da pérola. Dizer é resvalar no instante. Na poça vislumbrada, na miragem da sílaba. Escrevo para os olhos do puma.